

À ESPERA DO ALÍVIO

TUDO É, PORÉM, RELATIVO. POR EXEMPLO: COM BIDEN NA PRESIDÊNCIA, MUDARIA A POLÍTICA DE WASHINGTON EM RELAÇÃO AO BRASIL?

por MINO CARTA

Não chegou ainda o momento do alívio, a definição do pleito presidencial nos Estados Unidos ainda demora, mas já causa espanto que Donald Trump resista impávido até o final das apurações. Se quisermos usar um linguajar tipicamente brasileiro, caberia dizer que até um poste é melhor na presidência dos Estados Unidos do que Trump. Não falta quem se regozijaria com a vitória de Joe Biden, recomendado por Barack Obama depois de ter sido vice-presidente durante seu mandato. Trata-se de uma figura simpática e elegante, um homem risonho a ostentar um natural, genuíno bom humor. Nem por isso encarna a expectativa de alguma mudança significativa.

Ocorre, às vezes, que figuras aparentemente menores arquem com um papel importante, até mesmo decisivo. É o caso, por exemplo, de Harry Truman, que acabou assumindo um papel determinante após a substituição, na qualidade de vice-presidente, de Franklin Delano Roosevelt para carregar a pecha devastadora de ter autorizado as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, destinadas

a ficar na história da humanidade como um crime de proporções universais.

Não há dúvidas de que, a despeito da sua natural gentileza, Biden carece de disposição e a capacidade de alterar a rota imperial, inspirada desde antigas eras pela Doutrina Monroe. Trump representou à perfeição, e de forma nunca dantes navegada, os males causados no mundo pelo império do Ocidente, desde o imediato pós-Segunda Guerra Mundial e mesmo antes.

Diz papa Francisco que a pandemia não é castigo divino, e sim a revolta da própria natureza agredida pelo ser humano de

várias maneiras. Nem por isso, o Altíssimo está escanteado. Mas a desgraça que não nos poupa na minha visão tem a fisionomia de Donald Trump. Quando ele me aparece, caem quaisquer dúvidas que possam ter permanecido, como se suas expressões e seus comportamentos fossem simbólicos de tudo quanto padecemos.

Há muitas formas de ofender a natureza que não se limitam a queimar florestas. As doutrinas econômicas que vigoram faz bastante tempo são, como sabemos, responsáveis pelo empobrecimento progressivo de bilhões de seres humanos,



Agentes nativos da famigerada CIA



enquanto uns poucos enriquecem desmesuradamente. Acrescentem-se as guerras a infelicitar inúmeras áreas do planeta, qual fossem capítulos de um enredo único ditado pelas conveniências dos donos do poder, semelhantes aos mercadores que Cristo enxotou do Templo.

A presença de um império do Oriente, soviético, precipitou a Guerra Fria para atizar a prepotência e a hipocrisia do outro império, de sorte a sugerir a seguinte conclusão: causou males por reflexo para aquela já definida como civilização ocidental e cristã, enquanto a política de Washington provocou danos no mundo todo e desencadeou guerras malogradas, embora sangrentas e ao cabo pateticamente inúteis. Tio Sam quis ditar o destino do Oriente Médio para provocar tão somente um conflito que ali não se apaga. E pretendeu transformar a América Latina, Brasil na frente, no seu próprio quintal, e em largos momentos foi bem-sucedido na empreitada, sem dispensar invasões militares e incentivar os golpes locais.

Contaram nestas operações, a desmentir toda e qualquer retórica em torno da defesa da democracia, com a instituição

controladora, a CIA, sempre disposta a se esmerar no emprego das técnicas mais feroces, pretensamente científicas de tortura, de sorte a deixar pálidos de inveja os algozes medievais. Nesta sequência de crimes contra a humanidade, Abu Ghraib e Guantánamo são apenas dois dos intermináveis episódios salientes. No fundo, Tio Sam cobriu-se de vergonha do alto de uma pirâmide de empáfia estabelecida sobre o poder econômico.

Nunca vingou um momento de misericórdia com os vencidos temporariamente. Dizia o general William Westmoreland, durante a Guerra do Vietnã, herança de um fracasso francês e finalmente perdida, “vamos bombardeá-los até devolvê-los à Idade da

**ABU GHRAIB
E GUANTÁNAMO SÃO
APENAS DOIS
CAPÍTULOS DE UM
LONGO ENREDO DE
“TORTURA CIENTÍFICA”**

Pedra”. Toda esta desfaçatez, esta violência, a caminharem de braços dados com a insensatez, concentram-se na catadura de Donald Trump sem que isto indique a absolvição de quantos o precederam na presidência, até mesmo Barack Obama, todos prontos a aceitar o emprego de instrumentos voltados a garantir a hegemonia dos EUA e do seu império.

Há fortes razões de admiração pelos Estados Unidos, por seus institutos de pesquisa, por seus hospitais-modelo, por sua notabilíssima literatura, por sua imprensa, por seu cinema amiúde desassombrado em críticas e denúncias, por suas universidades, pelo jazz tão influente na música contemporânea, por seus cantores e cantoras de vozes inconfundíveis, por seus e suas atletas invencíveis em diversas modalidades esportivas. Existe, porém, e é pena, o reverso da medalha. Ainda recentemente, os Estados Unidos estiveram envolvidos em um lamentável capítulo brasileiro, iniciado pela Lava Jato, conduzida por dois dos seus agentes nativos, Sérgio Moro e Deltan Dallagnol.

É do conhecimento até do mundo mineral: ambos buscavam em Washington as melhores orientações para condenar Lula sem provas e desencadear uma sequência de golpes que redundaram na eleição de Jair Bolsonaro, o ex-capitão a morrer de amor por Donald Trump. Veremos agora o que muda nas relações entre Washington e Brasília. Segundo um matutino nativo, a vitória de Trump funcionaria igual a um aval ao progresso irresistível do populismo mundial.

O mapa-múndi, felizmente, mostra regiões do planeta em que as lições de Tio Sam não surtiram efeito. Há também no Velho e sempre Novo Mundo, a Europa, quem mantenha uma conexão com o vetusto humanismo gerador da Renascença. A despeito da desgraça globalizada, é nestes exemplos que haverá de se basear a nossa esperança. •